



Munich Personal RePEc Archive

# **Coastal tourism versus inland Portuguese tourism. The Serra da Estrela tourist destination**

Vaz, Margarida and Dinis, Anabela

Universidade da Beira Interior

2007

Online at <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/4706/>

MPRA Paper No. 4706, posted 05 Sep 2007 UTC

# Turismo no Litoral *versus* Turismo no Interior Português. O Destino Turístico Serra da Estrela<sup>1</sup>

---

**Margarida Maria Fidalgo Costa Vaz** - Professora Auxiliar - Departamento de Gestão e Economia  
Universidade da Beira Interior - E-mail: mvaz@ubi.pt

**Anabela do Rosário Leitão Dinis** - Professora Auxiliar - Departamento de Gestão e Economia  
Universidade da Beira Interior - E-mail: adinis@ubi.pt

## Resumo

**Palavras-Chave:** destinos turísticos do litoral, destinos turísticos do interior, vantagens comparativas, vantagens competitivas, marketing territorial.

O presente artigo<sup>2</sup> pretende enquadrar o destino Serra da Estrela no contexto dos destinos turísticos do interior, identificando os seus concorrentes directos e os que podem complementar a sua oferta turística.

Conclui-se que há indícios de alteração da dinâmica turística nacional, com as zonas do interior a crescerem mais rapidamente que as zonas do litoral. A Serra da Estrela teria a ganhar se conseguisse ter como aliados o Douro (que apresenta uma maior dinâmica de crescimento) e o Alentejo Central (o destino mais estabelecido ao nível dos destinos do interior), e se conseguisse aumentar o seu perfil competitivo para concorrer com Trás-os-Montes, que apresenta argumentos competitivos semelhantes (destino rural e de montanha).

## Abstract

**Key words:** coastal tourist destinations, inland tourist destinations, comparative advantages, competitive advantages, territorial marketing.

This article looks at the Serra da Estrela mountain range as a tourist destination in the context of the inland Portuguese tourist destinations, identifying its direct competitors as well those that complement its tourism offer. We note the changes in national tourist dynamics, with the inland regions growing at a faster rate than the coastal ones. As a tourist destination the Serra da Estrela could benefit from having the Douro (whose growth is greater) and the Central Alentejo regions (the more established inland destination) as allies. Furthermore, the Serra da Estrela needs to increase its competitive profile to compete with the Trás-os-Montes region, which presents similar competitive arguments (rural and mountain destination).

---

<sup>1</sup> Artigo aceite para publicação na Revista Portuguesa de Estudos Regionais nº 14 - 2007, Ed. Instituto Nacional de Estatística e APDR-Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, Lisboa, pp: 67-94 (no prelo)

<sup>2</sup> Baseado num estudo efectuado aquando da elaboração do PETUR-Plano Estratégico de Turismo para a Serra da Estrela, finalizado em 2006, e de cuja equipa técnica as autoras fizeram parte.

## **Turismo no Litoral *versus* Turismo no Interior Português. O Destino Turístico Serra da Estrela**

### **1. Introdução**

O facto de um destino turístico possuir muitos recursos não significa necessariamente que ele seja mais competitivo do que outro que, sendo mais pobre em recursos, os sabe usar de um modo mais eficiente. Tal significa que a competitividade de um destino exige considerar os elementos básicos das suas vantagens comparativas (que reflectem a disponibilidade de recursos do destino) para além dos factores que constituem as suas vantagens competitivas (as que reflectem a capacidade do destino em mobilizar os recursos de um modo eficiente ao longo do tempo) (Ritchie *et al.*, 2003; Kozak, 2003).

De acordo com Ritchie *et al.* (2003) nenhum destino compartilha com outro o mesmo perfil competitivo porque cada destino tem o seu próprio mix de tradições, valores, objectivos e estilos que lhe dão características próprias. Ainda de acordo com os mesmos autores (*op.cit.*, 2003) existe uma outra particularidade que decorre da própria natureza do turismo e que pode determinar uma diferente relação concorrencial entre os destinos: a sua relativa proximidade geográfica, bem como dos seus mercados, pode permitir-lhes integrar a sua oferta num mesmo pacote turístico ou, então, os seus esforços de marketing conjunto podem expandir a dimensão do mercado na medida em que, isolados, poderiam não conseguir uma tão grande procura.

Um destino turístico pode ter vantagens que o alinhem mais no sentido da satisfação das necessidades de um segmento de mercado (p.e. turismo da natureza) do que de outro (p.e. turismo cultural), ou poderá até ter recursos que permitam satisfazer um maior leque de segmentos de mercado. Quando dois destinos turísticos concorrem no mesmo segmento de mercado estão em concorrência directa. Daqui decorre a necessidade de um destino turístico identificar as relações competitivas e complementares mais significativas para cada segmento de mercado, de modo a tornar claro quem são os seus concorrentes directos e quem é que complementa a sua oferta, tendo em conta o perfil competitivo requerido para cada segmento de mercado. É nesta perspectiva que se enquadra a análise que se segue, que persegue um duplo objectivo: (1) analisar as diferentes dinâmicas do turismo do litoral e do interior de Portugal e (2) posicionar o destino Serra da Estrela no contexto de destinos turísticos considerados como seus concorrentes directos – os destinos do interior.

## 2. Os Destinos Internos Estudados: Aspectos Metodológicos

No âmbito deste estudo e para proceder à comparação de destinos, seleccionaram-se cinco NUT II: Madeira, Algarve, Norte, Centro e Alentejo. As duas primeiras – Madeira e Algarve – pela sua importância no panorama turístico nacional; a zona Centro, porque é onde se inclui a região da Serra da Estrela e as restantes duas NUT por, tal como esta, apresentarem uma marcada dicotomia Litoral-Interior, permitindo assim, uma análise que distingue estas duas realidades. Consideraram-se o Algarve e a Madeira<sup>3</sup>, bem como as zonas litorais do Norte, Centro e do Alentejo, concorrentes indirectos do turismo da Serra da Estrela, dado que actuam essencialmente no segmento de mercado sol e mar. A competir no mesmo segmento de mercado e, por isso entendidos como concorrentes directos, o interior das zonas Norte, Centro e Alentejo (ver Quadro 1 - Regiões sob análise: litoral versus interior). Na análise que se segue estes dois grupos serão denominados, respectivamente, “Litoral” e “Interior”.

**Quadro 1 - Regiões sob análise: litoral versus interior<sup>4</sup>**

| Destinos do Litoral     |  |                                     | Destinos do Interior     |   |                                     |
|-------------------------|--|-------------------------------------|--------------------------|---|-------------------------------------|
| Regiões                 | Agrupamentos   | Peso dos hóspedes no total nacional | Regiões                  | Agrupamentos  | Peso dos hóspedes no total nacional |
|                         | NUTS III   |                                     |                          | NUTS III  |                                     |
| <b>Madeira</b>          | Total  | 7,9%                                | <b>Norte Interior</b>    | Douro<br>Alto Trás-os-Montes  | 2,9%                                |
| <b>Algarve</b>          | Total  | 23,4%                               |                          |   |                                     |
| <b>Norte Litoral</b>    | Minho-Lima<br>Cávado<br>Ave<br>Grande Porto<br>Tâmega<br>Entre Douro e Vouga | 14,6%                               | <b>Centro Interior</b>   | Pinhal Interior<br>Norte<br>Dão-Lafões<br>Pinhal Interior<br>Sul<br>Serra da Estrela<br>Beira Interior<br>Norte<br>Beira Interior<br>Sul<br>Cova da Beira | 4,5%                                |
| <b>Centro Litoral</b>   | Baixo Vouga<br>Baixo Mondego<br>Pinhal Litoral                               | 5,8%                                |                          |   |                                     |
| <b>Alentejo Litoral</b> | Alentejo Litoral   | 1,2%                                | <b>Alentejo Interior</b> | Alto Alentejo<br>Alentejo Central<br>Baixo Alentejo   | 4,0%                                |

<sup>3</sup> De acordo com um estudo sobre a imagem externa da Madeira realizado pela Neoturis-Consultoria em Turismo para a Direcção Regional de Turismo da Madeira, aquela ilha está essencialmente associada aos produtos sol e mar, sendo a natureza a segunda motivação turística com maior peso (Neoturis 2005).

<sup>4</sup> Esta divisão agrupa as regiões NUT III do Norte, do Centro e do Alentejo de acordo com a sua localização no litoral (ou na sua área de influência) e no interior, à semelhança de outros estudos, nomeadamente os desenvolvidos por Cepeda, Fernandes e Monte (2001) e Fernandes, Monte e Castro (2003) no que respeita ao Norte de Portugal.

Considerou-se ainda importante, num exercício de *benchmarking*, comparar entre si as subregiões que se consideraram como concorrentes directas do destino Serra da Estrela, nomeadamente o Douro, Trás-os-Montes, Alto Alentejo e Alentejo Central. Repare-se que são essencialmente os aspectos naturais e culturais destas regiões do interior que constituem a base da sua oferta turística e a motivação de quem os procura, enquanto destinos (ver Quadro 2).

**Quadro 2 – Destino Serra da Estrela versus destinos concorrentes**

| Destino Serra Estrela  | Destinos concorrentes (directos) da Serra Estrela |
|------------------------|---|
| Inclui:                | Douro   |
| ○ Serra da Estrela     | Trás-os-Montes                                    |
| ○ Beira Interior Norte | Alto Alentejo                                     |
| ○ Cova da Beira        | Alentejo Central                                  |

Em virtude de ter havido alterações, quer na composição de algumas NUT, quer no modo de apuramento de alguns indicadores estatísticos do turismo por parte do INE a partir de 2002 – factos que inviabilizam comparações com anos anteriores – optou-se por estabelecer dois tipos de análise:

- Um que se centra na evolução ocorrida ao nível de vários indicadores entre o período entre 1996 e 2001 para todas as várias regiões (Litoral vs Interior) e sub-regiões;
- Outro que se centra apenas no ano 2002 (últimos dados disponíveis no INE à data de realização do estudo) relativo à actividade turística do destino Serra da Estrela comparativamente aos destinos definidos como concorrentes (sub-regiões).<sup>5</sup>

Os indicadores utilizados reflectem um conjunto de aspectos referentes à oferta e à procura turística, bem como ao impacto da actividade no destino turístico (ver Quadro 3).

<sup>5</sup> Note-se que alguns dos indicadores considerados no nível de análise anterior foram excluídos dado não haver informação disponível. A este nível de análise, foi ainda estudada a situação dos estabelecimentos de TER uma vez que para as regiões sob análise não existe informação anterior disponível.

**Quadro 3 – Indicadores da actividade turística analisados**

| Indicadores   | 1996-2001             | 2002        |
|---|-----------------------|-------------|
|   | Regiões e sub-regiões | Sub-regiões |
| <b>1. Ao nível da Oferta</b>                            |                       |             |
| ○ Número e capacidade de alojamento hoteleiros          | X                     | X           |
| ○ Taxa de ocupação hoteleira                            | X                     | X           |
| ○ Tipos de estabelecimento hoteleiro                    |                       | X           |
| ○ Proveitos por aposento                                |                       | X           |
| ○ TER   |                       | X           |
| ○ Emprego (hotelaria e restauração)                     | X                     |             |
| ○ VAB (hotelaria e restauração)                         | X                     |             |
| ○ Produtividade (hotelaria e restauração)               | X                     |             |
| <b>2. Ao nível da Procura</b>                           |                       |             |
| ○ Número de hóspedes                                    | X                     | X           |
| ○ Número de Dormidas                                    | X                     | X           |
| ○ Estadia média   | X                     | X           |
| ○ País de origem dos hóspedes                           | X                     | X           |
| <b>3. Ao nível da Região enquanto destino Turístico</b> |                       |             |
| ○ Índice de Preferência                                 | X                     |             |
| ○ Índice de Saturação Turística                         | X                     |             |

### 3. As Dinâmicas dos Diferentes Destinos Turísticos (1996-2001)

#### 3.1 Oferta de Alojamento

##### 3.1.1 Número de estabelecimentos, capacidade de alojamento e taxa de ocupação

O quadro seguinte (Quadro 4) resume a evolução do número de estabelecimentos de hotelaria registados entre 1996 e 2001, entendendo-se como estabelecimentos de hotelaria, segundo o INE, os hotéis, pensões, hotéis-apartamentos, apartamentos turísticos, aldeamentos turísticos, motéis, pousadas e estalagens.

A concentração da maioria dos **estabelecimentos** hoteleiros junto ao litoral é reveladora do tipo de dependência que tem caracterizado a oferta turística (sol e mar) ao longo do tempo, em que o Algarve tem sido o grande protagonista. No entanto, é de notar que, pese embora o número reduzido dos estabelecimentos nas zonas do Interior, estes têm vindo a registar consideráveis taxas médias anuais de crescimento, globalmente superiores às do litoral (excepção para a Madeira e Alentejo Litoral). O ritmo de aumento do número de estabelecimentos de hotelaria em quase todo o Interior pode ser visto como sinal quer da saturação de alguns destinos tradicionais, quer de alterações nas motivações turísticas.

No conjunto dos destinos definidos como concorrentes directos, a Serra da Estrela aparece como o segundo destino em termos de número de unidades de alojamento, logo a seguir a Trás-os-Montes, pese embora o facto de ainda não estar contemplado o enorme boom

de oferta de alojamento posterior a 2002. É no entanto de registar, a dinâmica de crescimento das restantes sub-regiões, nomeadamente do Douro, Alentejo Central e Alto Alentejo, o que, em consonância com a perda relativa no litoral, pode ser entendido como indicador da alteração anunciada nas preferências dos turistas e/ou como uma aposta no turismo por parte destas regiões.

**Quadro 4 – Estabelecimentos Hoteleiros e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões               | Nº Estabelecimentos Hotelaria |             |             |             |             |             | Taxa Variação Média Anual <sup>6</sup> |
|-----------------------|-------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--|
|                       | 1996                          | 1997        | 1998        | 1999        | 2000        | 2001        | 1996-2001                              |
| Madeira               | 132                           | 141         | 148         | 153         | 195         | 176         | 5,90%                                  |
| Algarve               | 379                           | 385         | 384         | 388         | 392         | 384         | 0,26%                                  |
| Norte Litoral         | 302                           | 302         | 302         | 307         | 301         | 300         | -0,13%                                 |
| Centro Litoral        | 171                           | 174         | 166         | 165         | 163         | 153         | -2,20%                                 |
| Alentejo Litoral      | 29                            | 33          | 33          | 33          | 33          | 34          | 3,23%                                  |
| <b>Total Litoral</b>  | <b>1013</b>                   | <b>1035</b> | <b>1033</b> | <b>1046</b> | <b>1084</b> | <b>1047</b> | <b>0,66%</b>                           |
| Norte Interior        | 81                            | 88          | 88          | 88          | 92          | 92          | 2,58%                                  |
| Centro Interior       | 103                           | 103         | 101         | 99          | 101         | 101         | -0,39%                                 |
| Alentejo Interior     | 63                            | 70          | 67          | 69          | 72          | 70          | 2,13%                                  |
| <b>Total Interior</b> | <b>247</b>                    | <b>261</b>  | <b>256</b>  | <b>256</b>  | <b>265</b>  | <b>263</b>  | <b>1,26%</b>                           |
| Sub-Regiões           |                               |             |             |             |             |             |  |
| Douro                 | 27                            | 30          | 30          | 32          | 35          | 34          | 4,72%                                  |
| Trás-os-Montes        | 54                            | 58          | 58          | 56          | 57          | 58          | 1,44%                                  |
| Alto Alentejo         | 23                            | 27          | 26          | 26          | 27          | 27          | 3,26%                                  |
| Alentejo Central      | 23                            | 25          | 25          | 26          | 29          | 28          | 4,01%                                  |
| Destino Serra Estrela | 35                            | 34          | 33          | 36          | 37          | 35          | 0%                                     |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Quanto à **capacidade de alojamento**, é também no litoral que se concentra maior número de camas<sup>7</sup>, novamente com destaque para o Algarve (ver Quadro 5):

Repare-se que no caso do Norte Litoral e do Algarve, apesar de estarem a perder alguns estabelecimentos ou a ver o seu número crescer pouco, a sua capacidade de alojamento tem vindo a aumentar, o que leva a crer que tem vindo a aumentar a dimensão dos novos e/ou dos estabelecimentos já existentes. Porém, as maiores taxas médias anuais de aumento da capacidade de alojamento têm-se verificado na Madeira e nas zonas do Norte e Alentejo Interior, reflectindo o aumento do investimento em mais unidades de alojamento.

<sup>6</sup> Calculada pela formula  $\left( \sqrt[5]{\frac{X_{2001}}{X_{1996}}} - 1 \right) * 100$

<sup>7</sup> Porque é também aí que se encontra o maior número de unidades de alojamento.

**Quadro 5 – Capacidade de alojamento e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Capacidade alojamento<br>(Nº camas) |               |               |               |               |               | Taxa Variação<br>Média Anual |
|------------------------------|-------------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|------------------------------|
|                              | 1996                                | 1997          | 1998          | 1999          | 2000          | 2001          | 1996-2001                    |
| Madeira                      | 17879                               | 18878         | 19524         | 20156         | 24183         | 26532         | 8,20%                        |
| Algarve                      | 84139                               | 84581         | 85096         | 85098         | 85738         | 86751         | 0,60%                        |
| Norte Litoral                | 22107                               | 22552         | 22552         | 23013         | 23087         | 23746         | 1,40%                        |
| Centro Litoral               | 12868                               | 11147         | 12965         | 12446         | 10377         | 12209         | -1,05%                       |
| Alentejo Litoral             | 3156                                | 3264          | 3466          | 3205          | 2935          | 3008          | 0,96%                        |
| <b>Total Litoral</b>         | <b>140149</b>                       | <b>140422</b> | <b>143603</b> | <b>143918</b> | <b>146320</b> | <b>152246</b> | <b>1,67%</b>                 |
| Norte Interior               | 4382                                | 5154          | 5154          | 5472          | 5800          | 5777          | 5,68%                        |
| Centro Interior              | 7644                                | 7795          | 8088          | 7235          | 7784          | 7890          | 0,64%                        |
| Alentejo Interior            | 3855                                | 921           | 4107          | 872           | 856           | 4310          | 2,26%                        |
| <b>Total Interior</b>        | <b>15881</b>                        | <b>13870</b>  | <b>17349</b>  | <b>13579</b>  | <b>14440</b>  | <b>17977</b>  | <b>2,51%</b>                 |
| Sub-Regiões                  |                                     |               |               |               |               |               |                              |
| Douro                        | 1387                                | 1921          | 1921          | 2157          | 2341          | 2276          | 10,41%                       |
| Trás-os-Montes               | 2995                                | 3233          | 3233          | 3315          | 3459          | 3501          | 3,17%                        |
| Alto Alentejo                | 1286                                | 1 470         | 1402          | 1 431         | 1 490         | 1454          | 2,49%                        |
| Alentejo Central             | 1683                                | 2 005         | 1924          | 2 005         | 2 158         | 2059          | 4,12%                        |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>2376</b>                         | <b>2253</b>   | <b>2420</b>   | <b>2484</b>   | <b>2599</b>   | <b>2623</b>   | <b>2,00%</b>                 |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Ao nível das sub-regiões, a Serra da Estrela, em consonância com o número de estabelecimentos, surge como o 2º destino com maior capacidade de alojamento, mas é também a sub-região com menor taxa de crescimento deste indicador. Do conjunto, destaca-se claramente o Douro, com uma taxa de crescimento média anual superior a qualquer outra região e sub-região considerada.

Não estando disponível no INE a **taxa de ocupação** dos estabelecimentos para os vários anos e para todas as regiões analisadas, procedeu-se ao seu cálculo com base na seguinte fórmula:

$$TaxadeOcupaçãoCama = \frac{n^{\circ}dormidasano}{n^{\circ}camasx365dias} \times 100 \quad (1)$$

No conjunto das regiões analisadas (ver Quadro 6) verifica-se que a Madeira é a única que viu diminuir a sua taxa de ocupação-cama, facto que associado ao aumento substancial da sua capacidade de alojamento significa que esse aumento não foi ainda compensado pelo número de dormidas. Já o Algarve (cuja capacidade de alojamento pouco aumentou) e o Centro Litoral (que viu a sua capacidade de alojamento diminuir) registam aumentos das taxas



de ocupação, o que indica que o número de dormidas nas respectivas regiões não terá diminuído.

**Quadro 6 – Taxa de ocupação e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Taxa de ocupação - cama |              |              |              |              |              | Taxa Variação Média Anual |
|------------------------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------------------|
|                              | 1996                    | 1997         | 1998         | 1999         | 2000         | 2001         | 1996-2001                 |
| Madeira                      | 60,5%                   | 59,1%        | 60,5%        | 62,6%        | 54,1%        | 54,1%        | -2,2%                     |
| Algarve                      | 40,3%                   | 41,7%        | 42,7%        | 45,1%        | 45,0%        | 42,4%        | 1,0%                      |
| Norte Litoral                | 27,6%                   | 28,3%        | 27,4%        | 26,8%        | 30,2%        | 29,6%        | 1,4%                      |
| Centro Litoral               | 21,7%                   | 25,0%        | 25,3%        | 26,8%        | 32,5%        | 27,6%        | 4,9%                      |
| Alentejo Litoral             | 25,7%                   | 24,8%        | 23,4%        | 19,2%        | 24,7%        | 28,6%        | 2,2%                      |
| <b>Total Litoral</b>         | <b>38,8%</b>            | <b>40,2%</b> | <b>40,7%</b> | <b>42,4%</b> | <b>42,9%</b> | <b>41,0%</b> |                           |
| Norte Interior               | 20,2%                   | 17,7%        | 18,4%        | 17,3%        | 22,2%        | 22,6%        | 2,3%                      |
| Centro Interior              | 22,5%                   | 22,0%        | 22,7%        | 27,7%        | 27,1%        | 26,8%        | 3,6%                      |
| Alentejo Interior            | 31,0%                   | 129,7%       | 29,1%        | 175,2%       | 185,8%       | 37,1%        | 3,7%                      |
| <b>Total Interior</b>        | <b>23,9%</b>            | <b>27,6%</b> | <b>22,9%</b> | <b>33,0%</b> | <b>34,6%</b> | <b>27,9%</b> |                           |
| Sub-Regiões                  |                         |              |              |              |              |              |                           |
| Douro                        | 23,4%                   | 19,6%        | 20,6%        | 18,4%        | 26,0%        | 28,1%        | 3,7%                      |
| Trás-os-Montes               | 18,7%                   | 16,6%        | 17,1%        | 16,6%        | 19,7%        | 19,1%        | 0,4%                      |
| Alto Alentejo                | 30,0%                   | 26,2%        | 27,5%        | 36,3%        | 32,3%        | 35,0%        | 3,1%                      |
| Alentejo Central             | 35,3%                   | 29,6%        | 30,9%        | 37,6%        | 39,3%        | 40,3%        | 2,7%                      |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>24,3%</b>            | <b>25,6%</b> | <b>26,7%</b> | <b>26,8%</b> | <b>27,6%</b> | <b>27,4%</b> | <b>2,4%</b>               |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Note-se que o maior aumento médio anual da taxa de ocupação no Centro Litoral é reflexo da diminuição da oferta hoteleira (expressa pela redução do seu número de estabelecimentos e da capacidade de alojamento). Pelo contrário, o aumento médio anual da taxa de ocupação no Alentejo Interior traduz um aumento efectivo da procura turística – pelo número de hóspedes e/ou pelo seu tempo de permanência – uma vez que é acompanhado por uma subida do número de estabelecimentos e da capacidade de alojamento.

No conjunto dos destinos considerados como concorrentes directos da Serra da Estrela, o Alentejo Central e o Alto Alentejo, registam as maiores taxas de ocupação-cama. Contudo, foi o Douro que mais rapidamente viu crescer a sua taxa de ocupação, facto que associado ao aumento da capacidade de alojamento traduz um aumento substancial da sua procura turística. Trás-os-Montes, que detém o maior número de estabelecimentos e a maior capacidade de alojamento, é o que tem menor taxa de ocupação e que pouco ou nada tem evoluído em termos de dormidas.

### 3.1.2 Emprego, VAB e produtividade

Os valores relativos ao emprego entre 1996 e 2001 (Quadro 7)<sup>8</sup>, evidenciam um aumento em todas as regiões sob análise, o que é revelador da maior importância do sector turismo na absorção do crescente desemprego industrial, particularmente o Norte Litoral que, em termos absolutos, emprega um maior número de pessoas (mais de metade do litoral).

Com excepção do Alentejo Litoral – onde é bastante menor - a dinâmica de **emprego**<sup>9</sup> é semelhante em todos os destinos, mas ligeiramente melhor nos destinos de interior, o que reforça a ideia do peso crescente do sector turístico nestas regiões e a provável tendência de alteração nas preferências turísticas anteriormente identificada.

Reflectindo a sua posição de liderança em termos de número de estabelecimentos e na capacidade de alojamento, as sub-regiões de Trás-os-Montes e da Serra da Estrela são os destinos que empregam um maior número de pessoas. Mas são as sub-regiões do Douro e do Alentejo Central que apresentam maior dinâmica de crescimento.

**Quadro 7 – Evolução do emprego na hotelaria e restauração e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Evolução do Emprego na Hotelaria e Restauração<br>(10*3 pessoas) |             |             |             |             |              | Taxa Variação<br>Média Anual |
|------------------------------|--|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|------------------------------|
|                              | 1996   | 1997        | 1998        | 1999        | 2000        | 2001         | 1996-2001                    |
| Madeira                      | 7,3  | 7,9         | 8,2         | 8,6         | 8,8         | 9,1          | 4,50%                        |
| Algarve                      | 18,3   | 19,9        | 20,3        | 21,1        | 22,2        | 23,1         | 4,80%                        |
| Norte Litoral                | 42,4   | 44,7        | 47,5        | 49,7        | 52          | 54           | 5,00%                        |
| Centro Litoral               | 13,7   | 14,6        | 16,6        | 17,2        | 16,9        | 17,2         | 4,70%                        |
| Alentejo Litoral             | 2,8  | 2,9         | 3           | 3           | 3,1         | 3,2          | 2,70%                        |
| <b>Total Litoral</b>         | <b>84,5</b>  | <b>90</b>   | <b>95,6</b> | <b>99,6</b> | <b>103</b>  | <b>106,6</b> | <b>4,80%</b>                 |
| Norte Interior               | 6,5  | 7           | 7,5         | 8,1         | 8,4         | 8,5          | 5,50%                        |
| Centro Interior              | 10,4   | 11,3        | 12,7        | 13,7        | 13,5        | 13,7         | 5,70%                        |
| Alentejo Interior            | 6,8  | 7,3         | 7,8         | 8,2         | 8,4         | 8,9          | 5,50%                        |
| <b>Total Interior</b>        | <b>23,7</b>  | <b>25,6</b> | <b>28</b>   | <b>30</b>   | <b>30,3</b> | <b>31,1</b>  | <b>5,60%</b>                 |
| Sub-Regiões                  |  |             |             |             |             |              |                              |
| Douro                        | 2,9  | 3,1         | 3,4         | 3,7         | 3,9         | 3,9          | 6,10%                        |
| Trás-os-Montes               | 3,6  | 3,8         | 4,1         | 4,4         | 4,6         | 4,6          | 5,00%                        |
| Alto Alentejo                | 2,2  | 2,3         | 2,4         | 2,5         | 2,6         | 2,7          | 4,20%                        |
| Alentejo Central             | 2,5  | 2,8         | 3,1         | 3,3         | 3,4         | 3,6          | 7,60%                        |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>3,6</b>   | <b>4</b>    | <b>4,5</b>  | <b>4,7</b>  | <b>4,5</b>  | <b>4,6</b>   | <b>5,00%</b>                 |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

<sup>8</sup> Os valores relativos ao emprego referem-se apenas aos sectores da hotelaria e da restauração, dada a indisponibilidade de dados, a um nível mais desagregado, publicados pelo INE.

<sup>9</sup> Medida pela taxa de crescimento média anual.

Os valores do **VAB** a seguir apresentados (Quadro 8) referem-se à hotelaria e restauração. Em todas as regiões o sector turístico tem vindo a contribuir de um modo crescente para o VAB regional, ou seja, tem contribuído para o aumento da criação de riqueza (a preços de 1995). O Algarve e o Norte Litoral serão os destinos que mais contribuem em valores absolutos para o VAB nacional, mas é o Alentejo Litoral, a Madeira e o Alentejo Interior que se revelam com dinâmica superior.

**Quadro 8 – Evolução do VAB na hotelaria e restauração e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Evolução do VAB na Hotelaria e Restauração<br>(10*6 EUROS) (preços 1995) |            |             |             |             |             | Taxa Variação<br>Média Anual |
|------------------------------|--|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------------------------|
|                              | 1996   | 1997       | 1998        | 1999        | 2000        | 2001        | 1996-2001                    |
| Madeira                      | 151  | 175        | 184         | 191         | 191         | 206         | 6,40%                        |
| Algarve                      | 337  | 364        | 383         | 398         | 404         | 428         | 4,90%                        |
| Norte Litoral                | 292  | 316        | 336         | 351         | 351         | 355         | 4,00%                        |
| Centro Litoral               | 111  | 117        | 123         | 129         | 125         | 128         | 2,90%                        |
| Alentejo Litoral             | 15   | 17         | 19          | 19          | 19          | 21          | 7,00%                        |
| <b>Total Litoral</b>         | <b>906</b>   | <b>989</b> | <b>1045</b> | <b>1088</b> | <b>1091</b> | <b>1137</b> | <b>4,70%</b>                 |
| Norte Interior               | 32   | 34         | 37          | 39          | 40          | 40          | 4,60%                        |
| Centro Interior              | 77   | 81         | 85          | 89          | 89          | 93          | 3,90%                        |
| Alentejo Interior            | 43   | 48         | 50          | 52          | 51          | 56          | 5,40%                        |
| <b>Total Interior</b>        | <b>152</b>   | <b>163</b> | <b>172</b>  | <b>180</b>  | <b>181</b>  | <b>189</b>  | <b>4,50%</b>                 |
| Sub-Regiões                  |  |            |             |             |             |             |                              |
| Douro                        | 15   | 16         | 18          | 19          | 19          | 19          | 4,80%                        |
| Trás-os-Montes               | 17   | 18         | 19          | 20          | 21          | 21          | 4,30%                        |
| Alto Alentejo                | 15   | 17         | 18          | 19          | 18          | 20          | 5,90%                        |
| Alentejo Central             | 15   | 18         | 18          | 19          | 18          | 20          | 5,90%                        |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>26</b>  | <b>28</b>  | <b>29</b>   | <b>30</b>   | <b>30</b>   | <b>30</b>   | <b>2,90%</b>                 |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Ao nível das sub-regiões, note-se que é o destino Serra da Estrela que apresenta um valor mais elevado, mas que, simultaneamente é o que revela menor dinâmica neste período de análise, o que significa que a criação de riqueza gerada pelo turismo tem vindo a crescer mais rapidamente nos destinos concorrentes.

O quadro seguinte (Quadro 9) resume a evolução da **produtividade** (VAB/Emprego) alcançada na hotelaria e restauração das regiões em estudo, no período entre 1996 e 2001. Do conjunto das regiões analisadas destacam-se a Madeira e o Algarve com os níveis mais elevados de produtividade. Com excepção destes destinos e do Alentejo Litoral – que se destaca fortemente positiva - todas as restantes regiões baixaram os seus níveis de produtividade de 1996 para 2001, embora a taxas diferenciadas.

Tenha-se presente contudo que, medir a produtividade do turismo não é o mesmo que medir a produtividade no sector industrial, pois se trata de uma actividade muito dependente de relações pessoais e personificadas e cuja “produtividade” deverá reflectir mais a qualidade do que a quantidade do serviço prestado. De todos os modos, o indicador permite comparar o desempenho dos destinos quanto à eficiência na utilização dos recursos.

**Quadro 9 – Evolução da Produtividade na Hotelaria e Restauração e Taxa Variação 1996-2001**

| Regiões               | Evolução da Produtividade na Hotelaria e Restauração<br>(€ por trabalhador) |       |       |       |       |       | Taxa Variação<br>Média Anual |
|-----------------------|---|-------|-------|-------|-------|-------|------------------------------|
|                       | 1996  | 1997  | 1998  | 1999  | 2000  | 2001  | 1996-2001                    |
| Madeira               | 20518   | 22007 | 22285 | 22225 | 21717 | 22563 | 1,92%                        |
| Algarve               | 18429   | 18296 | 18871 | 18823 | 18241 | 18515 | 0,09%                        |
| Norte Litoral         | 6898  | 7079  | 7070  | 7068  | 6750  | 6571  | -0,97%                       |
| Centro Litoral        | 8127  | 8036  | 7432  | 7484  | 7409  | 7411  | -1,83%                       |
| Alentejo Litoral      | 5396  | 5813  | 6382  | 6454  | 6171  | 6563  | 3,99%                        |
| Norte Interior        | 4891  | 4890  | 4914  | 4862  | 4743  | 4719  | -0,71%                       |
| Centro Interior       | 7357  | 7143  | 6693  | 6485  | 6616  | 6783  | -1,61%                       |
| Alentejo Interior     | 6384  | 6549  | 6452  | 6402  | 6102  | 6369  | -0,05%                       |
| Sub-Regiões           |   |       |       |       |       |       |                              |
| Douro                 | 5132  | 5151  | 5235  | 5129  | 4913  | 4894  | -0,95%                       |
| Trás-os-Montes        | 4696  | 4674  | 4652  | 4640  | 4598  | 4571  | -0,54%                       |
| Alto Alentejo         | 7071  | 7140  | 7486  | 7507  | 7067  | 7447  | 1,04%                        |
| Alentejo Central      | 6167  | 6336  | 5830  | 5706  | 5459  | 5605  | -1,89%                       |
| Destino Serra Estrela | 7111  | 6908  | 6528  | 6395  | 6640  | 6675  | -1,26%                       |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

No que respeita aos concorrentes directos em estudo, o Alto Alentejo foi o único que apresentou uma taxa média de crescimento da produtividade positiva sendo que a sub-região da Serra da Estrela, à semelhança dos restantes destinos, aumentou proporcionalmente mais o emprego do que o VAB, razão do decréscimo da sua produtividade. Tal facto pode dever-se às diferentes taxas de ocupação-cama ou também indiciar a menor qualificação dos seus recursos e o tipo de segmento (baixo) de mercado que atinge com os seus serviços.

### **3.1.3 Síntese comparativa e posicionamento do destino Serra da Estrela**

No Quadro 10 resume-se, para cada indicador da análise, a posição do destino Serra da Estrela no ranking dos concorrentes considerados.

**Quadro 10 – Quadro resumo dos indicadores – posicionamento da Serra da Estrela**

|                                    | Douro | Trás os Montes | Serra Estrela | Alto Alentejo | Alentejo Central | Posição da Serra Estrela no Ranking |
|------------------------------------|-------|----------------|---------------|---------------|------------------|-------------------------------------|
| Nº Estabelecimentos 1996           | 27    | 54             | 35            | 23            | 23               | 2º                                  |
| Nº Estabelecimentos 2001           | 34    | 58             | 35            | 27            | 28               | 2º                                  |
| Taxa variação média anual          | 4,7%  | 1,4%           | 0%            | 3,3%          | 4,0%             | 5º                                  |
| Nº Camas 1996                      | 1387  | 2995           | 2376          | 1286          | 1683             | 2º                                  |
| Nº Camas 2001                      | 2276  | 3501           | 2623          | 1454          | 2059             | 2º                                  |
| Taxa variação média anual          | 10,4% | 3,2%           | 2,0%          | 2,5%          | 4,1%             | 5º                                  |
| Taxa ocupação-cama 1996            | 23,4% | 18,7%          | 24,3%         | 30,0%         | 35,3%            | 3º                                  |
| Taxa ocupação-cama 2001            | 28,1% | 19,1%          | 27,4%         | 35,0%         | 40,3%            | 4º                                  |
| Taxa variação média anual          | 3,7%  | 0,4%           | 2,4%          | 3,1%          | 2,7%             | 4º                                  |
| Emprego 1996 (10*3 pessoas)        | 2,9   | 3,6            | 3,6           | 2,2           | 2,5              | 1º                                  |
| Emprego 2001 (10*3 pessoas)        | 3,9   | 4,6            | 4,6           | 2,7           | 3,6              | 1º                                  |
| Taxa variação média anual          | 6,1%  | 5,0%           | 5,0%          | 4,2%          | 7,6%             | 3º                                  |
| VAB 1996 (10*6 euros)              | 15    | 17             | 26            | 15            | 15               | 1º                                  |
| VAB 2001                           | 19    | 21             | 30            | 20            | 20               | 1º                                  |
| Taxa variação média anual          | 4,8%  | 4,3%           | 2,9%          | 5,9%          | 5,9%             | 5º                                  |
| Produtividade 1996 (€/trabalhador) | 5132  | 4696           | 7111          | 7071          | 6167             | 1º                                  |
| Produtividade 2001                 | 4894  | 4571           | 6675          | 7447          | 5605             | 2º                                  |
| Taxa variação média anual          | -1,0% | -0,5%          | -1,3%         | 1,0%          | -1,9%            | 4º                                  |

Pela observação do quadro anterior constata-se que, ao nível da oferta, o destino Serra da Estrela está bem posicionado em quase todos os indicadores considerados, particularmente em termos de emprego, de criação de riqueza (VAB) e de produtividade (embora neste último caso tenha perdido a sua posição de liderança a favor do Alto Alentejo em 2001.) Este destino evidencia essencialmente dois pontos fracos que se podem considerar interrelacionados: a baixa e decrescente taxa de ocupação-cama (que a fez baixar do 3º para o 4º lugar entre 1996 e 2001) e a fraca dinâmica traduzida nas baixas taxas de crescimento dos vários indicadores, factos que, a este nível, a colocam nos últimos lugares e que poderão justificar a diminuição da produtividade.

Conclui-se, pois, que a Serra da Estrela, embora tendo conseguido manter, no geral, a sua posição relativa no período em análise, apresentou uma dinâmica muito inferior à dos seus concorrentes facto que, a continuar, fará com que rapidamente seja ultrapassada pelos restantes destinos, especialmente pelo Douro (que viu mais rapidamente aumentar todos os indicadores relativamente à Serra da Estrela), Alto Alentejo e Alentejo Central.

## 3.2. Procura de Alojamento

### 3.2.1 Hóspedes, dormidas e tempo médio de estadia

Considerando-se o número de **hóspedes** registados nos diversos estabelecimentos de hotelaria como um indicador do número de turistas, o quadro seguinte (Quadro 11) dá uma ideia da dinâmica da procura turística das regiões em análise.

**Quadro 11 – Evolução do número de hóspedes e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Evolução N° Hospedes (1996-2001) |                |                |                |                |                | Taxa Variação Média Anual |
|------------------------------|----------------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------------------|
|                              | 1996                             | 1997           | 1998           | 1999           | 2000           | 2001           | 1996-2001                 |
| Madeira                      | 681.449                          | 704.336        | 757.127        | 830.358        | 876.377        | 980.114        | 7,50%                     |
| Algarve                      | 2.022.269                        | 2.150.929      | 2.225.000      | 2.345.917      | 2.433.371      | 2.327.845      | 2,90%                     |
| Norte Litoral                | 1.200.101                        | 1.229.664      | 1.379.108      | 1.379.108      | 1.352.692      | 1.366.610      | 2,60%                     |
| Centro Litoral               | 540.479                          | 540.479        | 616.909        | 623.335        | 618.226        | 618.226        | 2,70%                     |
| Alentejo Litoral             | 94.382                           | 94.382         | 94.382         | 88.526         | 98.918         | 117.957        | 4,60%                     |
| Norte Interior               | 217.012                          | 227.227        | 232.978        | 232.978        | 320.675        | 297.030        | 6,50%                     |
| Centro Interior              | 379.223                          | 379.223        | 433.115        | 437.283        | 455.346        | 455.346        | 3,70%                     |
| Alentejo Interior            | 330.901                          | 330.901        | 330.901        | 389.289        | 404.212        | 392.155        | 3,50%                     |
| <b>Total Litoral</b>         | 4.538.680                        | 4.719.790      | 5.072.526      | 5.267.244      | 5.379.584      | 5.410.752      | 3,58%                     |
| <b>Total Interior</b>        | 927.136                          | 937.351        | 996.994        | 1.059.550      | 1.180.233      | 1.144.531      | 4,30%                     |
| <b>Total</b>                 | 5.465.816                        | 5.657.141      | 6.069.520      | 6.326.794      | 6.559.817      | 6.555.283      | 3,70%                     |
| <b>Peso litoral</b>          | 83,00%                           | 83,40%         | 83,60%         | 83,30%         | 82,00%         | 82,50%         |                           |
| Sub-Regiões                  |                                  |                |                |                |                |                |                           |
| Douro                        | 84.113                           | 94.038         | 102.888        | 102.888        | 151.005        | 145.402        | 11,60%                    |
| Trás-os-Montes               | 132.899                          | 133.189        | 130.090        | 130.090        | 169.670        | 151.628        | 2,70%                     |
| Alto Alentejo                | 103.489                          | 103.489        | 103.489        | 129.858        | 121.537        | 123.033        | 3,50%                     |
| Alentejo Central             | 172.838                          | 172.838        | 172.838        | 203.454        | 223.503        | 214.001        | 4,40%                     |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>149.326</b>                   | <b>149.326</b> | <b>176.681</b> | <b>165.582</b> | <b>175.590</b> | <b>175.590</b> | <b>3,30%</b>              |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Analisando os dados do quadro anterior conclui-se que, na sua grande maioria, os turistas que visitaram as regiões em estudo, continuam a ter o sol e praia como o seu produto turístico de eleição uma vez que são as regiões do litoral que registam um maior número de hóspedes (cerca de 83%). Também ao nível do destino Serra da Estrela e das restantes sub-regiões se registou um aumento generalizado da procura turística, sendo de destacar o Douro pelo rápido aumento da procura e o Alentejo Central pela sua posição dominante (em termos dos valores absolutos).

Dada a relação entre o número de hóspedes e o número de **dormidas**, também neste indicador se verifica a liderança do Algarve, Madeira e Norte Litoral (Quadro 12). Repare-se, no entanto, na troca de posições entre o Norte Litoral e a Madeira, quando comparado com o

número de hóspedes de cada uma das regiões. Isto significa que na Madeira os hóspedes permanecem mais tempo do que no Norte Litoral. Tal facto pode parcialmente ser explicado pelo facto de a viagem de avião se tornar mais compensadora quando o período de permanência for maior.

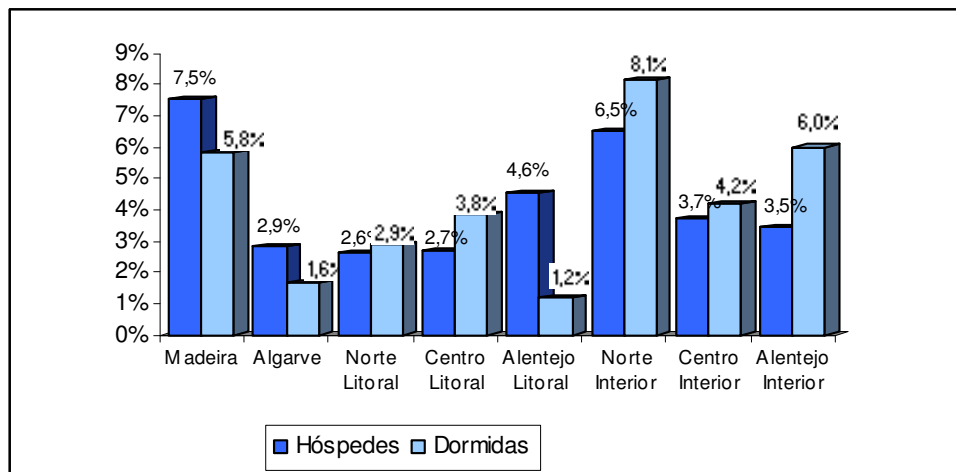
**Quadro 12– Evolução do número de dormidas e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Evolução do número de dormidas |                 |                 |                 |                 |                 | Taxa Variação Média Anual |
|------------------------------|--------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|---------------------------|
|                              | 1996                           | 1997            | 1998            | 1999            | 2000            | 2001            | 1996-2001                 |
| Madeira                      | 3947366                        | 4073742         | 4312618         | 4602587         | 4778717         | 5237104         | 5,80%                     |
| Algarve                      | 12370584                       | 12885754        | 13265431        | 13993348        | 14070442        | 13419537        | 1,64%                     |
| Norte Litoral                | 2223790                        | 2325624         | 2254243         | 2254243         | 2542000         | 2568579         | 2,92%                     |
| Centro Litoral               | 1018598                        | 1018598         | 1198565         | 1216586         | 1229346         | 1229346         | 3,83%                     |
| Alentejo Litoral             | 295980                         | 295980          | 295980          | 224633          | 264605          | 314014          | 1,19%                     |
| <b>Total Litoral</b>         | <b>19856318</b>                | <b>20599698</b> | <b>21326837</b> | <b>22291397</b> | <b>22885110</b> | <b>22768580</b> | <b>2,77%</b>              |
| Norte Interior               | 322883                         | 333313          | 345826          | 345826          | 470673          | 477421          | 8,14%                     |
| Centro Interior              | 626729                         | 626729          | 669275          | 731261          | 770788          | 770788          | 4,22%                     |
| Alentejo Interior            | 436099                         | 436099          | 436099          | 557727          | 580545          | 583550          | 6,00%                     |
| <b>Total Interior</b>        | <b>1385711</b>                 | <b>1396141</b>  | <b>1451200</b>  | <b>1634814</b>  | <b>1822006</b>  | <b>1831759</b>  | <b>5,74%</b>              |
| Sub-Regiões                  |                                |                 |                 |                 |                 |                 |                           |
| Douro                        | 118408                         | 137354          | 144523          | 144523          | 221757          | 233464          | 14,54%                    |
| Trás-os-Montes               | 204475                         | 195959          | 201303          | 201303          | 248916          | 243957          | 3,59%                     |
| Alto Alentejo                | 140632                         | 140632          | 140632          | 189501          | 175710          | 185719          | 5,72%                     |
| Alentejo Central             | 216809                         | 216809          | 216809          | 275327          | 309748          | 302698          | 6,90%                     |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>210557</b>                  | <b>210557</b>   | <b>235961</b>   | <b>243126</b>   | <b>262213</b>   | <b>262213</b>   | <b>4,49%</b>              |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

Ao nível das sub-regiões constata-se que todos os concorrentes directos viram, tal como o destino Serra da Estrela, aumentar o número de dormidas entre 1996 e 2001, mantendo-se o destaque para a sub-região do Douro e do Alentejo Central, que reforçam as suas posições no *share* de mercado. É interessante notar (Figura 1) que à excepção de Madeira, Algarve e Alentejo Litoral, todas as restantes regiões aumentaram mais rapidamente o número de dormidas do que o número de hóspedes, em particular o Alentejo Interior, Norte Interior e o Centro Litoral, o que se traduz num aumento do tempo médio de estadia.

**Figura 1– Taxa de Variação Média Anual do Nº hóspedes e do nº de Dormidas entre 1996 e 2001**



O **tempo médio de estadia**, refere-se ao número de dias que, em média, um turista permanece no alojamento. Da leitura do Quadro 13, conclui-se que é no Algarve e na Madeira que os turistas permanecem mais tempo – em média uma semana – enquanto que os restantes destinos são escolhidos para short-breaks, o que os torna mais dependentes da conquista de novos visitantes e da fidelização dos turistas. Fidelização significa, neste contexto, aumentar a frequência das visitas, o que só será possível se os turistas se sentirem bem acolhidos e a oferta de produtos se diversificar articuladamente.

**Quadro 13 – Evolução do Tempo Médio de Estadia e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões                      | Evolução tempo médio de estadia (nº dias) |            |            |            |            |            | Taxa Variação Média Anual |
|------------------------------|---|------------|------------|------------|------------|------------|---------------------------|
|                              | 1996                                      | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       | 1996-2001                 |
| Madeira                      | 5,8                                       | 5,8        | 5,7        | 5,5        | 5,5        | 5,3        | -1,80%                    |
| Algarve                      | 6,1                                       | 6          | 6          | 6          | 5,8        | 5,8        | -1,00%                    |
| Norte Litoral                | 1,9                                       | 1,9        | 1,6        | 1,6        | 1,9        | 1,9        | 0,00%                     |
| Centro Litoral               | 1,9                                       | 1,9        | 1,9        | 2          | 2          | 2          | 1,00%                     |
| Alentejo Litoral             | 3,1                                       | 3,1        | 3,1        | 2,5        | 2,7        | 2,7        | -2,70%                    |
| Norte Interior               | 1,5                                       | 1,5        | 1,5        | 1,5        | 1,5        | 1,6        | 1,30%                     |
| Centro Interior              | 1,7                                       | 1,7        | 1,5        | 1,7        | 1,7        | 1,7        | 0,00%                     |
| Alentejo Interior            | 1,3                                       | 1,3        | 1,3        | 1,4        | 1,4        | 1,5        | 2,90%                     |
| Sub-Regiões                  |   |            |            |            |            |            |                           |
| Douro                        | 1,4                                       | 1,5        | 1,4        | 1,4        | 1,5        | 1,6        | 2,70%                     |
| Trás-os-Montes               | 1,5                                       | 1,5        | 1,5        | 1,5        | 1,5        | 1,6        | 1,30%                     |
| Alto Alentejo                | 1,4                                       | 1,4        | 1,4        | 1,5        | 1,4        | 1,5        | 1,40%                     |
| Alentejo Central             | 1,3                                       | 1,3        | 1,3        | 1,4        | 1,4        | 1,4        | 1,50%                     |
| <b>Destino Serra Estrela</b> | <b>1,4</b>                                | <b>1,4</b> | <b>1,3</b> | <b>1,5</b> | <b>1,5</b> | <b>1,5</b> | <b>1,40%</b>              |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)



Pela análise das taxas de variação média anual (última coluna do Quadro 13) conclui-se que apenas o Alentejo Interior, o Norte Interior e o Centro Litoral conseguiram aumentar (ainda que ligeiramente) o tempo de estadia. No conjunto das sub-regiões do interior destaca-se o facto de todas elas registarem um tempo de permanência muito baixo, com um acréscimo pouco significativo entre 1996 e 2001, com alguma vantagem do Douro.

### 3.2.2 Mercado de Origem dos Hóspedes

De acordo com a informação disponível no INE (Quadro 14), no cômputo das regiões em estudo, tem-se vindo a verificar uma predominância dos hóspedes estrangeiros, ainda que com um decréscimo do seu peso relativo (55% em 1996 e 52% em 2001). Note-se, no entanto, que estes valores gerais resultam, sobretudo, da forte concentração de turistas estrangeiros no Algarve e na Madeira, resultado de uma promoção turística do país, que durante bastante tempo, incidiu essencialmente no mono produto “sol e mar”. Apesar da importância dos turistas estrangeiros nestas regiões, estes têm vindo a diminuir de peso. Refira-se, em particular a grande perda de turistas estrangeiros verificada no Alentejo Litoral, acompanhada por um grande aumento dos turistas portugueses (Quadro 14 e Figura 2). Pelo contrário, nos restantes destinos predomina o mercado português, destacando-se, no entanto, o Norte Interior na conquista do mercado estrangeiro (Figura 2), o que poderá reflectir a conquista de segmentos de mercado mais selectivos e vocacionados para um turismo da natureza e turismo cultural (alternativo e não massificado).

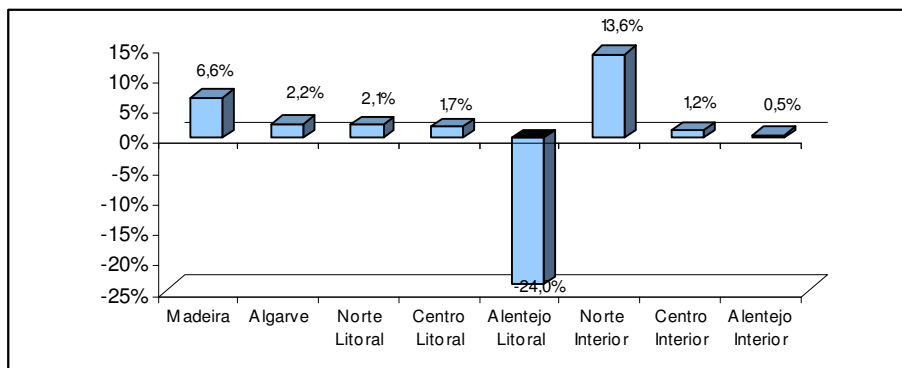
**Quadro 14 – N° Hóspedes segundo mercado de origem em 1996 e 2001**

| Regiões               | Estrangeiros |           | Portugueses |           | Peso estrangeiros |      |
|-----------------------|--------------|-----------|-------------|-----------|-------------------|------|
|                       | 1996         | 2001      | 1996        | 2001      | 1996              | 2001 |
| Madeira               | 550.191      | 755.996   | 131.258     | 224.118   | 81%               | 77%  |
| Algarve               | 1.477.762    | 1.645.761 | 544.507     | 682.084   | 73%               | 71%  |
| Norte Litoral         | 462.136      | 513.054   | 737.965     | 853.556   | 39%               | 38%  |
| Centro Litoral        | 215.347      | 234.806   | 325.132     | 358.020   | 40%               | 40%  |
| Alentejo Litoral      | 86.748       | 21.987    | 7.634       | 95.970    | 92%               | 19%  |
| Norte Interior        | 25.744       | 48.693    | 191.268     | 248.337   | 12%               | 16%  |
| Centro Interior       | 63.155       | 67.022    | 316.068     | 379.047   | 17%               | 15%  |
| Alentejo Interior     | 120.524      | 123.263   | 210.377     | 268.892   | 36%               | 31%  |
| <b>Total</b>          | 3.001.607    | 3.410.582 | 2.464.209   | 3.110.024 | 55%               | 52%  |
| Sub-regiões           |              |           |             |           |                   |      |
| Douro                 | 15.473       | 28.103    | 87.415      | 117.299   | 15%               | 19%  |
| Trás-os-Montes        | 17.024       | 20.590    | 113.066     | 131.038   | 13%               | 14%  |
| Alto Alentejo         | 34.669       | 25.882    | 96.032      | 97.151    | 27%               | 21%  |
| Alentejo Central      | 93.902       | 84.798    | 112.081     | 129.203   | 46%               | 40%  |
| Destino Serra Estrela | 22.896       | 19.038    | 153.785     | 141.384   | 13%               | 12%  |

|                  |         |         |         |         |     |     |
|------------------|---------|---------|---------|---------|-----|-----|
| Total subregiões | 183.964 | 178.411 | 562.379 | 616.075 | 25% | 22% |
|------------------|---------|---------|---------|---------|-----|-----|

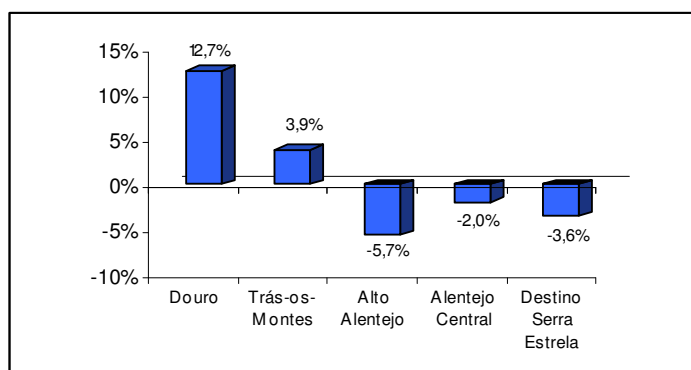
Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2002)

**Figura 2– Taxa de Variação Média Anual do N° Hóspedes Estrangeiros (1996-2001)**



Relativamente ao conjunto das sub-regiões, predomina o mercado português, tendo inclusive o mercado estrangeiro reduzido a sua importância entre 1996 e 2001. Destacam-se, no entanto, Douro e Trás-os-Montes, que registam um crescimento da procura por parte de estrangeiros, como se reflecte na figura seguinte (Figura 3).

**Figura 3 – Taxa de Variação Média Anual do N° Hóspedes Estrangeiros do Destino Serra da Estrela e das Regiões Concorrentes (1996-2001)**



### 3.2.3 Síntese comparativa e posicionamento do destino Serra da Estrela

Tendo em consideração os indicadores utilizados na análise da procura resume-se no Quadro 15 a posição do destino Serra da Estrela, no ranking dos concorrentes considerados.

**Quadro 15 – Quadro resumo dos indicadores da procura – posicionamento da Serra da Estrela**

|                                 | Douro | Trás os Montes | Serra Estrela | Alto Alentejo | Alentejo Central | Posição da Serra Estrela no Ranking |
|---------------------------------|-------|----------------|---------------|---------------|------------------|-------------------------------------|
| Nº Hóspedes 1996 (10*3 pessoas) | 84    | 133            | 149           | 103           | 173              | 2º                                  |
| Nº Hóspedes 2001                | 145   | 152            | 176           | 123           | 214              | 2º                                  |

|  |        |       |        |        |        |    |
|--|--------|-------|--------|--------|--------|----|
| Taxa variação média anual                    | 11,6%  | 2,7%  | 3,3%   | 3,5%   | 4,4%   | 4º |
| Nº Hóspedes estrangeiros 1996 (10*3 pessoas) | 15     | 17    | 23     | 35     | 94     | 3º |
| Nº Hóspedes estrangeiros 2001 (10*3 pessoas) | 28     | 21    | 19     | 26     | 85     | 5º |
| Taxa variação média anual                    | 12,70% | 3,90% | -3,60% | -5,70% | -2,00% | 4º |
| Nº Dormidas 1996 (10*3)                      | 118    | 204   | 211    | 141    | 217    | 2º |
| Nº Dormidas 2001                             | 233    | 244   | 262    | 186    | 303    | 2º |
| Taxa variação média anual                    | 14,50% | 3,60% | 4,50%  | 5,70%  | 6,90%  | 4º |
| Tempo médio de estadia 1996                  | 1,4    | 1,5   | 1,4    | 1,4    | 1,3    | 2º |
| Tempo médio de estadia 2001                  | 1,6    | 1,6   | 1,5    | 1,5    | 1,4    | 2º |

Comparativamente às várias sub-regiões, a Serra da Estrela situa-se em segundo lugar no que respeita ao nº de hóspedes e nº de dormidas, compartilhando com os restantes destinos o baixo tempo de permanência dos turistas. Contudo, ao nível da dinâmica de crescimento dos vários indicadores (traduzida através das taxas de variação médias anuais), a Serra da Estrela coloca-se num fraco lugar. Note-se que, particularmente ao nível da procura estrangeira (reflectida no número de hóspedes estrangeiros), registou uma taxa de crescimento negativa (-3,6%), reflectindo a descida da 3ª posição, que ocupava em 1996, para a última posição. Ou seja, foi de todos os destinos, o que, em 2001, recebeu um menor número de visitantes estrangeiros e dos que mais perdeu (logo depois do Alto Alentejo).

Relativamente aos restantes concorrentes, destaca-se o Alentejo Central que, à excepção do tempo médio de estadia, é o destino que apresenta valores mais elevados nos diversos indicadores. Destaca-se também o destino Douro, dado que evidencia, em todos os indicadores analisados, uma dinâmica de crescimento bastante superior a todos os outros destinos concorrentes.

### 3.3. Atractividade e Saturação dos Destinos

Viu-se anteriormente que a maior parte dos hóspedes que visitaram as regiões em estudo se dirigiram maioritariamente para o litoral, havendo no entanto heterogeneidade quanto ao número de turistas que cada uma daquelas regiões recebeu. O mesmo aconteceu relativamente às regiões do interior, pois se estas viram o seu número de turistas aumentar, esse aumento também não foi homogéneo.

Poderão ser vários os factores que determinam as diferentes quotas de mercado que cada destino turístico detém e um deles será necessariamente a capacidade de captar a preferência dos turistas e melhorar os acessos entre origem e destino. É esta preferência da procura por determinados lugares, enquanto princípio geral, que está subjacente à teoria formulada por Mariotti (citado em Fernandes, 1998) sobre os centros de atracção turística e a

partir da qual se construiu o *Índice de Preferência*<sup>10</sup>. Este índice e sua evolução, permitem avaliar em que medida o poder de atracção de uma localidade em relação a outra se altera, à medida que evolui o turismo de um país.

Como o quadro seguinte (Quadro 16) evidencia, os destinos preferidos pelos turistas foram, ao nível do Litoral, a Madeira e o Algarve; ao nível do interior foi o Douro que, de todos os destinos, viu o seu índice de preferência aumentar mais rapidamente. Aliás, os indicadores anteriormente analisados assim o faziam prever. O Algarve, apesar da desaceleração no seu índice de preferência, continua a ser um dos destinos mais preferidos pela maioria dos turistas.

**Quadro 16– Índice de preferência dos destinos e variação média anual entre 1996 – 2001**

| Índices de Preferência dos Destinos (1996-2001) |                               |                               | Taxa Variação<br>Média Anual<br>Índice<br>Preferência<br>1996-2001 |
|---|-------------------------------|-------------------------------|--|
| Regiões   | Índice<br>Preferência<br>1996 | Índice<br>Preferência<br>2001 |  |
| Madeira   | 0,08                          | 0,1                           | 4,56%  |
| Algarve   | 0,24                          | 0,25                          | 0,82%  |
| Norte Litoral                                   | 0,15                          | 0,15                          | 0%   |
| Centro Litoral                                  | 0,07                          | 0,07                          | 0%   |
| Alentejo Litoral                                | 0,01                          | 0,01                          | 0%   |
| Norte Interior                                  | 0,03                          | 0,03                          | 0%   |
| Centro Interior                                 | 0,05                          | 0,05                          | 0%   |
| Alentejo Interior                               | 0,04                          | 0,04                          | 0%   |
| Sub-Regiões                                     |                               |                               |  |
| Douro   | 0,01                          | 0,02                          | 14,87%   |
| Trás-os-Montes                                  | 0,02                          | 0,02                          | 0%   |
| Alto Alentejo                                   | 0,01                          | 0,01                          | 0%   |
| Alentejo Central                                | 0,02                          | 0,02                          | 0%   |
| Destino Serra Estrela                           | 0,02                          | 0,02                          | 0%   |

Para além da análise da evolução das preferências dos turistas como uma aproximação à maior atractividade de um destino, importa saber se esse território tem capacidade para suportar o consequente aumento da procura. O Índice de Saturação Turística correspondente ao rácio entre o número de turistas que visitam um destino e o total da população nele residente e que pode ser considerada como uma aproximação ao cálculo dessa capacidade

<sup>10</sup> Este índice pondera o peso do nº de turistas ou hóspedes de uma localidade ou região no total de turistas ou hóspedes do país, ao longo de um ano.

(Cunha 1997)<sup>11</sup>. Os destinos com os índices mais altos serão os que, sendo mais importantes do ponto de vista turístico, indiciam saturação, perda de qualidade do destino e predizem menor potencial de crescimento no longo prazo. O inverso é verdadeiro para os que têm menores índices de saturação turística.

Considera-se que valores do índice superiores a 1 implicam um impacto negativo quer do ponto de vista social, quer ambiental e provocam uma menor satisfação dos turistas. As diversas regiões em análise apresentam os seguintes Índices de Saturação Turística (Quadro 17):

**Quadro 17- Índice de saturação e taxa de variação 1996-2001**

| Regiões               | Índice Saturação |      | Taxa Variação<br>Média Anual<br>Índice<br>Saturação<br>1996-2001 |
|-----------------------|------------------|------|--|
|                       | 1996             | 2001 |  |
| Madeira               | 2,7              | 4    | 8,20%  |
| Algarve               | 5,9              | 5,8  | -0,30%   |
| Norte Litoral         | 0,4              | 0,4  | 0,00%  |
| Centro Litoral        | 0,6              | 0,6  | 0,00%  |
| Alentejo Litoral      | 1                | 1,2  | 3,70%  |
| Norte Interior        | 0,5              | 0,7  | 7,00%  |
| Centro Interior       | 0,5              | 0,6  | 3,70%  |
| Alentejo Interior     | 0,7              | 0,9  | 5,20%  |
| <b>Sub-regiões</b>    |                  |      |  |
| Douro                 | 0,4              | 0,7  | 11,80%   |
| Trás-os-Montes        | 0,6              | 0,7  | 3,10%  |
| Alto Alentejo         | 0,8              | 1    | 4,60%  |
| Alentejo Central      | 1                | 1,3  | 5,40%  |
| Destino Serra Estrela | 0,6              | 0,7  | 3,10%  |

Como seria de esperar, os destinos mais procurados – o Algarve e a Madeira – são os que, apresentando maiores índices de saturação, têm menor capacidade de crescimento e, talvez por esse facto, se justifique a perda de posição relativa do Algarve quanto ao nº de hóspedes e também a diminuição do tempo médio de estadia na Madeira, como vimos atrás. Também, relativamente ao Alentejo Litoral, com um índice superior a 1, provavelmente se justifica a diminuição drástica do nº de hóspedes estrangeiros (-24%) e também o crescimento negativo do tempo médio de estadia.

<sup>11</sup> Subentende-se, no cálculo deste indicador, que os equipamentos e infra-estruturas existentes num dado território (p.e. hospitais, estradas, etc.) estão dimensionados para a população local e que, portanto, uma carga excessiva de turistas diminuiria significativamente a qualidade de vida/estadia, tanto para populações locais como para os próprios turistas.

Os restantes destinos, com índices de saturação mais baixos, têm, portanto, potencial para crescerem, nomeadamente as sub-regiões da Serra da Estrela, Trás-os-Montes e Douro. Mas note-se que, a manter-se o ritmo de crescimento do Douro, dentro em breve o seu potencial de crescimento será mais limitado, pelo que a Serra da Estrela pode vir a aproveitar a complementaridade geográfica com esse destino. Um outro aspecto para que o crescimento reporta é o do equilíbrio desse crescimento ao longo do ano; ou seja, para a questão da sazonalidade. Pese embora a importância de tal informação, o INE não tem disponível dados desagregados ao nível das NUT III sobre a distribuição do número de hóspedes ao longo do ano, pelo que, relativamente a este aspecto não foi possível efectuar a análise comparativa.

## 4. Situação dos Destinos em 2002

### 4.1. Oferta de Alojamento

#### 4.1.1 Número de estabelecimentos, capacidade de alojamento, taxas de ocupação e proveitos por aposento

No conjunto dos 5 destinos concorrentes directos analisados, verifica-se que, à semelhança dos anos anteriores, Trás-os-Montes possui o maior número de **estabelecimentos** e **capacidade de alojamento**, seguido da Serra da Estrela e Douro (ver Quadro 18).

**Quadro 18 – N° Estabelecimentos hoteleiros, capacidade de alojamento, proveitos e taxa de ocupação-cama nas sub-regiões (2002)**

|                       | N°<br>Estabelecimentos | Capacidade de<br>alojamento | Taxa<br>ocupação-cama | Proveitos por<br>aposento |
|-----------------------|------------------------|-----------------------------|-----------------------|---------------------------|
| Douro                 | 35                     | 2308                        | 27,8                  | 6399                      |
| Trás-os-Montes        | 60                     | 3537                        | 19,7                  | 6491                      |
| Alto Alentejo         | 24                     | 1381                        | 32,3                  | 5143                      |
| Alentejo Central      | 28                     | 2248                        | 37,6                  | 11104                     |
| Destino Serra Estrela | 36                     | 2866                        | 24,6                  | 6464                      |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2003)

Atendendo a que o índice de saturação da Serra da Estrela é baixo comparativamente ao do Douro, considera-se que a este nível, poderá existir potencial de crescimento do número de estabelecimentos e/ou da capacidade de alojamento. No entanto, convém realçar que as suas **taxas de ocupação-cama** são genericamente baixas e que se está a analisar de um modo agregado a sub-região Serra da Estrela, quando é sabido que nela existem áreas com desigual distribuição dos estabelecimentos. Tal significa que os potenciais investimentos em novas unidades hoteleiras não deveriam continuar a reproduzir essas desigualdades; dispersar as

unidades do alojamento no território não só se evita a pressão sobre determinadas localidades e respectivas infra-estruturas e populações, como também permitirá que os efeitos multiplicadores do turismo se possam difundir numa base mais alargada.

As taxas de ocupação-cama reflectem um maior grau de utilização dos equipamentos hoteleiros pelo Alentejo Central e o Alto Alentejo. As baixas taxas médias de ocupação-cama registadas em Trás-os-Montes e Serra da Estrela evidenciam que estes destinos têm uma capacidade instalada muito acima da sua utilização e/ou a um forte desequilíbrio sazonal na utilização dos equipamentos. Tal significa que nem sempre construir mais seja suficiente para atrair turistas e muito menos copiar modelos de regiões diferentes; o importante é construir de forma adequada ao segmento de procura que se pretende atrair, complementarmente à reorganização/diversificação da oferta turística.

O indicador “proveitos por aposento” traduz quer a frequência de utilização dos quartos quer o nível de preços praticados. O Alentejo Central é, deste conjunto de destinos, o que gerou proveitos mais elevados por aposento e, como se verificará oportunamente, é efectivamente o que recebeu maior número de turistas e maior número de dormidas. Os proveitos por aposento registados no Douro, Serra da Estrela e Trás-os-Montes, embora similares, traduzem realidades distintas: no caso do Douro e Trás-os-Montes os proveitos resultam mais do nível de preços praticados do que do número de dormidas<sup>12</sup>.

#### **4.1.2 Tipo de estabelecimento**

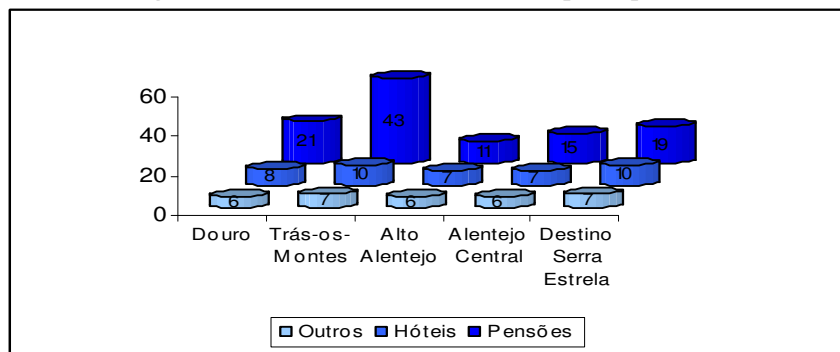
Pela leitura da Figura 4 é visível que, em geral, predominam as pensões em todas as sub-regiões havendo, no entanto, um desequilíbrio mais acentuado no peso destas em Trás-os-Montes (71%) e no Douro (60%), relativamente aos restantes destinos (Alto Alentejo 46%; Alentejo Central 54%; Serra Estrela 53%).

Note-se, no entanto, que, à excepção de Trás-os-Montes, a maior capacidade de alojamento é garantida pelos hotéis, como ilustra o gráfico seguinte (Figura 5).

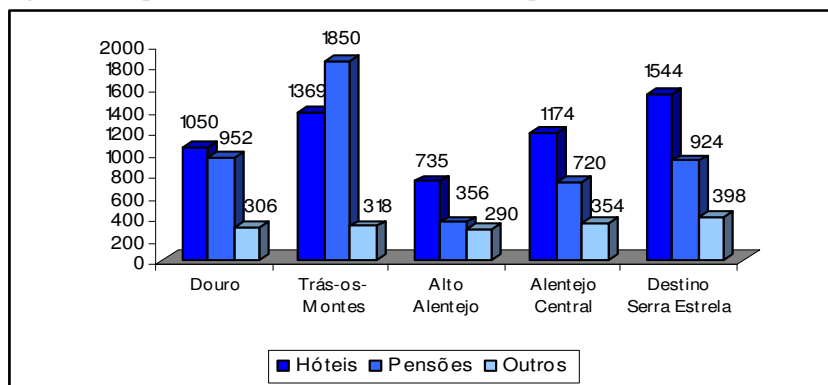
---

<sup>12</sup> Uma vez que, como se verificará, a SE registou um maior número de dormidas do que o Douro e Trás-os-Montes, o que significa que os preços nela praticados são mais baixos ou que os tipos de alojamento mais utilizados são os que praticam preços inferiores.

**Figura 4 – Número de Estabelecimentos por Tipo (2002)**

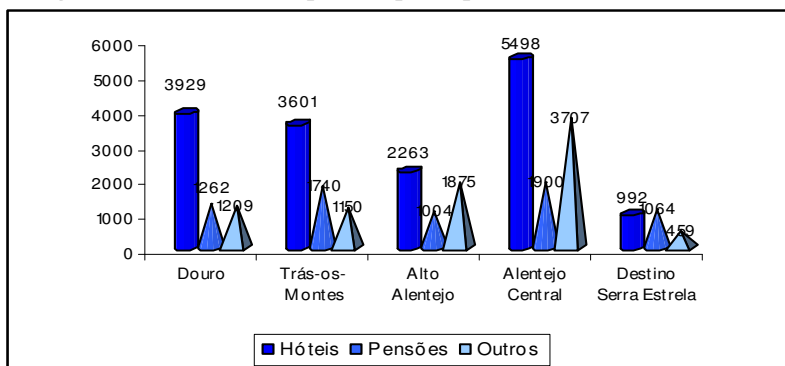


**Figura 5– Capacidade Alojamento dos diversos tipos de Estabelecimento (2002)**



A figura seguinte (Figura 6) evidencia que somente na Serra da Estrela é que as pensões geram maiores proveitos por aposento comparativamente aos diversos tipos de alojamento, o que confirma o anteriormente referido relativamente à prática de preços médios mais baixos relativamente aos outros destinos (nomeadamente Douro e Trás-os-Montes). Dado que, na generalidade, as pensões praticam preços mais baixos do que, por exemplo, os hotéis, este montante dos proveitos maioritariamente gerado nas pensões só pode ter sido provocado pelo grau de utilização das mesmas. Tal facto dá uma ideia do segmento de mercado, em termos de rendimento médio, dos turistas que maioritariamente têm visitado a região.

**Figura 6 – Proveitos do Aposento por Tipo de Estabelecimento (2002)**





### 4.1.3 Turismo em Espaço Rural (TER)

Uma forma de alojamento em expansão e que tem todo um enquadramento natural nas sub-regiões em análise, são as unidades de TER. Das várias sub-regiões analisadas é a Serra da Estrela a que possui maior número destes tipos de alojamentos, maior número e de quartos e maior capacidade de alojamento, com predomínio das unidades classificadas como turismo rural e casas de campo (ver Quadro 19).

**Quadro 19– Unidades de Turismo em Espaço Rural (TER) em 2002**

| Sub-regiões           | Nº de Estabelecimentos |               |                      |              |                |                   | Total de Quartos | Capacidade de Alojamento total |
|-----------------------|------------------------|---------------|----------------------|--------------|----------------|-------------------|------------------|--------------------------------|
|                       | Total                  | Turismo Rural | Turismo de Habitação | Agro-turismo | Casas de Campo | Turismo de Aldeia |                  |                                |
| Douro                 | 47                     | 25            | 11                   | 8            | 3              | -                 | 227              | 452                            |
| Trás-os-Montes        | 28                     | 18            | 3                    | 5            | 2              | -                 | 152              | 303                            |
| Alto Alentejo         | 39                     | 10            | 5                    | 18           | 6              | -                 | 225              | 446                            |
| Alentejo Central      | 45                     | 20            | 9                    | 12           | 2              | 2                 | 248              | 485                            |
| Destino Serra Estrela | <b>60</b>              | <b>26</b>     | <b>12</b>            | <b>7</b>     | <b>14</b>      | <b>1</b>          | <b>284</b>       | <b>563</b>                     |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2003)

Dada a inexistência de dados oficiais relativamente às taxas de ocupação destes tipos de alojamento, ao número de hóspedes e de dormidas, a análise da importância e impacto deste tipo de estabelecimentos no turismo regional fica bastante limitada. Todavia, a julgar pelo recente crescimento do seu número de estabelecimentos pode intuir-se que vai sendo crescente<sup>13</sup>. Aliás, este é um facto a juntar a outros, que sublinham a importância e a oportunidade da criação de um Laboratório do turismo na região, de modo a monitorizar-se a actividade quer do ponto de vista da actualidade dos dados, quer da amplitude desses dados. Só assim se poderão ultrapassar as várias limitações existentes ao nível da informação estratégica.

## 4.2. Procura Turística

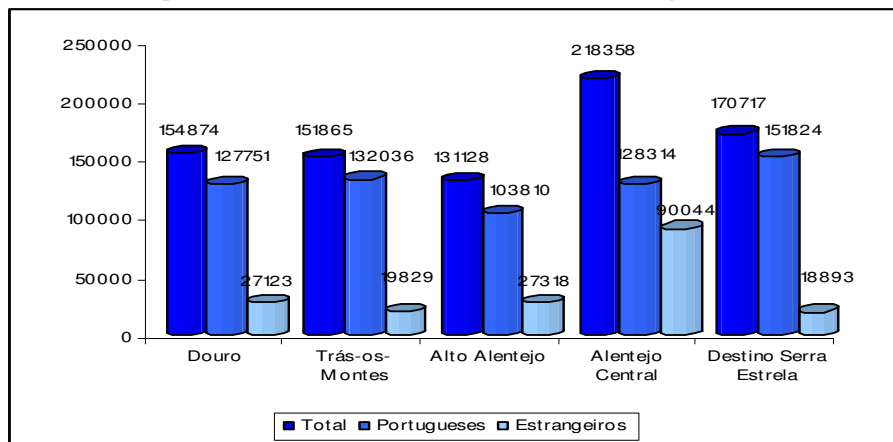
### 4.2.1 Hóspedes e Mercado de Origem dos Hóspedes

Confirmando a tendência verificada entre 1996 e 2001, verifica-se que o Alentejo Central é, dos vários destinos, o que recebeu, em 2002, o maior número de hóspedes, logo seguida da Serra da Estrela. Note-se ainda, que são maioritariamente os portugueses que procuram as várias sub-regiões, embora que no caso do Alentejo Central não haja uma disparidade tão elevada entre portugueses e estrangeiros quanto o que se verifica nos restantes

<sup>13</sup> Como referem Jacinto e Ribeiro (2001:1) “as regiões do interior em geral, e as áreas rurais em particular, têm vindo a ser objecto de crescente procura enquanto espaços alternativos de férias, lazer e recreio”.

destinos. Pelo contrário é na Serra da Estrela que se verifica um menor peso relativo e absoluto do turismo estrangeiro (no Alentejo Central 41% dos hóspedes são estrangeiros, 20% no Alto Alentejo, 18% no Douro, 13% em Trás-os-Montes e apenas 11% na Serra da Estrela).

**Figura 7 – N° de Hóspedes em estabelecimentos hoteleiros totais e segundo País Residência (2002)**



Ocorre pensar-se que o Alentejo Central, quer pela existência de uma cidade classificada como património mundial da humanidade (Évora<sup>14</sup>), quer pela sua proximidade do Algarve, possa eventualmente beneficiar da sua vizinhança em termos de captar muitos dos estrangeiros que se deslocam à capital do país ou/e àquele destino turístico.

#### **4.2.2 Dormidas por tipo de estabelecimento**

Tal como se viu anteriormente, confirma-se que uma das características comuns aos destinos turísticos das zonas do interior é o reduzido período de permanência dos turistas nestas regiões (ver tempo médio de estadia no Quadro 20) possivelmente porque estas são escolhidas preferencialmente para fins-de-semana ou períodos curtos de permanência do que para férias.

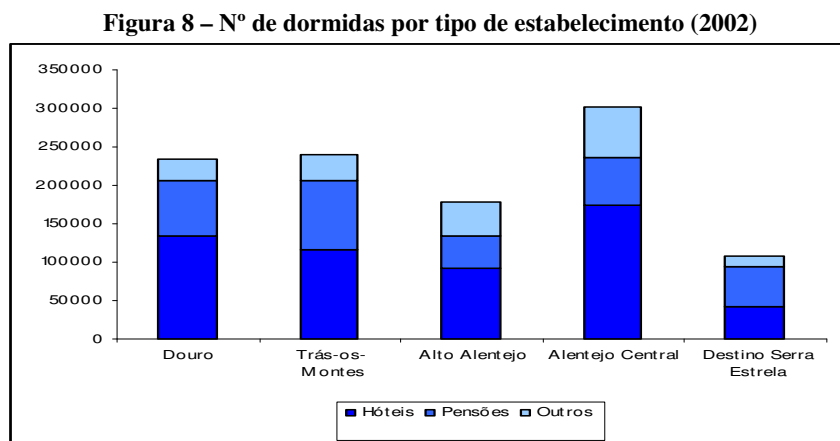
**Quadro 20 – N° Dormidas, n° de hóspedes e tempo médio de estadia em 2002**

| Sub-regiões           | N° dormidas | N° de hospedes | Tempo médio de estadia (dias) |
|-----------------------|-------------|----------------|-------------------------------|
| Douro                 | 234.877     | 154.874        | 1,5                           |
| Trás-os-Montes        | 240.682     | 151.865        | 1,6                           |
| Alto Alentejo         | 178.827     | 131.128        | 1,4                           |
| Alentejo Central      | 301.340     | 218.358        | 1,4                           |
| Destino Serra Estrela | 256.927     | 170.717        | 1,5                           |

Fonte: Elaborado a partir de dados do INE (2003)

<sup>14</sup> Considerada, em 2005, como uma região competitiva do ponto de vista do turismo, segundo Carvalho (2006)

Finalmente, refira-se que, em todos os destinos analisados, (Figura 8) os hotéis representam o maior peso de dormidas (entre 50% a 60%). No Alentejo (Alto e Central) é onde “outro tipos de estabelecimento”<sup>15</sup> têm maior representatividade.



## 5. Avaliação de Resultados, Conclusões e Recomendações

Em jeito de síntese apresentam-se as conclusões da análise realizada para os diversos *destinos turísticos do país*:

- **O turismo é um sector em crescimento em todas as regiões analisadas.** Este crescimento é visível tanto do lado da oferta como da procura, em quase todos os indicadores analisados<sup>16</sup>. As zonas do litoral, principalmente o Algarve, o Norte Litoral e a Madeira, continuam a ser as mais procuradas pela maioria dos portugueses e estrangeiros. São estes os grandes protagonistas de entre os destinos turísticos nacionais, neles se registando os valores mais elevados para todos os indicadores tanto da oferta como da procura.
- Há, no entanto, **indícios de alteração da dinâmica turística nacional**. Com excepção da Madeira, a procura<sup>17</sup> das regiões do litoral, embora tendo aumentado no período analisado (1996-2001), cresceu a um ritmo mais lento (3,6%) do que o aumento da procura das zonas do interior (4,3%), das quais se destaca o Norte e o Alentejo. Esta situação poderá ser consequência quer da saturação de alguns destinos tradicionais<sup>18</sup> – Algarve e da Madeira – quer de eventuais alterações nas motivações turísticas. Traduziu-se, também, numa diminuição/estagnação da oferta em zonas litorais (por exemplo a perda de

<sup>15</sup> Note-se que nesta classificação não se incluem as unidades TER. Esta categoria inclui hotéis-apartamentos, aldeamentos turísticos, motéis, pousadas e estalagens.

<sup>16</sup> Apenas ao nível da produtividade (na hotelaria e restauração) se verifica uma tendência para a diminuição, excepto no Alentejo Litoral, Madeira e Algarve.

<sup>17</sup> Traduzida pelo número de hóspedes.

<sup>18</sup> Revelado nos respectivos índices de saturação.

estabelecimentos no Norte e Centro Litoral) e aumento da oferta nas zonas do interior com especial ênfase para as regiões do Norte e Alentejo.

- No cômputo geral das regiões em estudo, foi registado **um maior número de hóspedes estrangeiros**, mas o seu peso diminuiu no quinquénio 1996-2001. O maior peso dos turistas estrangeiros continua a registar-se no Algarve e Madeira; onde a grande maioria de turistas são estrangeiros ao contrário dos restantes destinos que são maioritariamente procurados por portugueses. Refira-se o caso do Alentejo Litoral que no período considerado verificou uma redução drástica de turistas estrangeiros, tendo sido o único destino que verificou uma redução tanto em números absolutos quer relativos. Pelo contrário, o Norte Interior destaca-se pelo rápido crescimento do seu mercado estrangeiro.

Em suma, a crescente procura dos destinos do interior e os níveis de saturação turística baixos (em particular o Centro) dão a estas regiões maiores potenciais de crescimento, ao mesmo tempo que exigem formas sustentadas de desenvolvimento, integradoras das diferentes realidades locais<sup>19</sup>.

No que respeita a uma comparação entre os *destinos concorrentes directos da Serra da Estrela* (sub-regiões), constata-se que:

- Em todas o **período de permanência dos turistas é bastante reduzido**, evidenciando um tipo de turismo mais vocacionado para fins-de-semana e/ou associado ao conceito de *touring*.
- O **destino Serra da Estrela, em geral, está bem posicionado**, particularmente ao nível do Emprego e VAB. Todavia, este destino evidencia duas grandes debilidades: as taxas de ocupação-cama e a dinâmica de crescimento.
- Na **dinâmica de crescimento destacam-se pela positiva, o Douro e o Alentejo Central** tanto ao nível da procura como da oferta, revelando um crescente potencial de atracção do investimento e aposta no turismo. Esta dinâmica traduz-se por um lado, em valores mais elevados do índice de saturação (particularmente no caso do Alentejo central) e na maior taxa de crescimento deste índice (particularmente no Douro).
- Especificamente no que se refere ao **mercado estrangeiro**, a Serra da Estrela passou, em apenas 5 anos, de terceiro para último lugar, no conjunto dos destinos concorrentes. O

---

<sup>19</sup> Como afirma Butler (2000, p. 56) “enquanto que o fracasso de uma empresa, por falta de integração ao nível global pode ser uma infelicidade, o desenvolvimento do turismo ao nível local que não consiga integrar-se adequadamente nas actividades e processos locais, pode ser desastroso”.

Alentejo – particularmente o Central – continua a atrair maior número de turistas estrangeiros, mas são os destinos do Norte – com grande destaque para o Douro – que, ao contrário dos restantes, têm vindo a conquistar mercado estrangeiro.

- Os **proveitos por aposento** registados no Douro, Serra da Estrela e Trás-os-Montes, são similares, mas traduzem realidades distintas: a Serra da Estrela registou um maior número de dormidas do que o Douro e Trás-os-Montes, mas os tipos de alojamento mais utilizados são os que praticam os preços mais baixos (as pensões), o que sugere o segmento de mercado, em termos de rendimento médio, dos turistas que maioritariamente tem visitado a região ou pode sinalizar a valoração que cada agregado atribui ao alojamento, no conjunto das despesas que pretende efectuar na viagem.
- O destino SE possui maior número de **unidades de TER** e a maior capacidade de alojamento, com predomínio das unidades classificadas como turismo rural e casas de campo. Este facto pode ser considerado uma vantagem comparativa desta sub-região, se a qualidade normalmente associada a este tipo de estabelecimentos for garantida e se as formas de cooperação garantirem uma dimensão crítica e maior visibilidade destas unidades de alojamento e deste tipo de turismo mais voltado para a natureza e o mundo rural.

Os factos apresentados vêm sublinhar a importância de algumas localidades e sub-regiões tirarem partido da vizinhança e actuarem mais como aliadas do que como concorrentes no sentido de integrarem no mesmo “pacote” turístico uma oferta de qualidade e diversificada que, embora tendo presente o pouco tempo de permanência dos turistas, os faça vir mais vezes à região, para descobrir mais coisas. O conceito de *touring* pode ser um conceito integrador dos vários interesses pois exige que os turistas, na sua mobilidade, percorram vários pontos de interesse durante a mesma viagem. Considera-se que o destino Serra de Estrela teria a ganhar se conseguisse ter como aliados o Douro – que apresenta uma maior dinâmica de crescimento e o Alentejo – particularmente o Central, o destino mais estabelecido, ao nível dos destinos do interior – e se conseguisse aumentar o seu perfil competitivo para concorrer com Trás-os-Montes, que apresenta argumentos competitivos semelhantes (destino de rural e de montanha). Repare-se que, por um lado, tanto o Alentejo como o Douro têm um peso maior de turistas estrangeiros do que a Serra da Estrela e, por outro lado, são destinos que, tudo indica<sup>20</sup>,

---

<sup>20</sup> Indicado pelos proveitos por aposento mais elevados através dos tipos de alojamentos de maior qualificação o que dá alguma indicação de que os turistas que os procuram pertencem a estratos socio-económicos mais elevados.

conseguiram captar um segmento de mercado de rendimentos mais elevados do que o destino Serra de Estrela. Mas neste “jogo” de complementaridade, a soma tem de ser positiva, o que significa que estas sub-regiões – Douro e Alentejo – também têm que ganhar. E a este nível evidencia-se o facto de o Alto Alentejo aumentar a sua dimensão crítica pois tem o menor número de estabelecimentos e capacidade de alojamento, o menor número de dormidas e o menor número de hóspedes, embora tenha a maior taxa de ocupação das três sub-regiões.

Para além disso, em conjunto, estas sub-regiões adquirem uma extensão territorial capaz de conter vários *tourings*, obedecendo a várias temáticas, compondo uma região diversificada e rica de recursos, onde a Serra de Estrela poderia funcionar como a charneira de entrada e ligação multi-rotas.

### **Referências Bibliográficas:**

Butler, Richard (2000) “Tourism, natural resources and remote areas” *Tourism Sustainability and Territorial Organisation*. XII Summer Institute of the European Regional Science Association, Ed. APDR-Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, Coimbra, p.47-60

Carvalho, Pedro (2006) *Performance Competitiva das Regiões. Evolução dos últimos 10 anos*. Direcção de Serviços de Estudos e Estratégia Turísticos da Direcção Geral do Turismo, Março 2006, Lisboa

Cepeda, Francisco, Fernandes, Paula e Monte, Ana (2001) “Índice de Preferência pelos Destinos Turísticos-Região Norte de Portugal” *Conferência Internacional CIMAFA’2001XI Encuentro Cuba-México de Estadística*, La Habana, Cuba

Cunha, Licínio (1997) *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill.

Fernandes, G.P. (1998) “Turismo em regiões de montanha: dimensão, significado e perspectivas para a Serra da Estrela”. Actas de Seminário *Beira Interior – Região de Fronteira: actualidades e perspectivas*. U.B.I. – Covilha, 30-31 Outubro, pp: 121-147

Fernandes, Paula O.; Monte, Ana e Castro, José (2003) “A Região Norte de Portugal e a preferência da procura turística: Litoral versus Interior” *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, Nº 4, INE/APDR, Lisboa, pp: 57/73

I.N.E. (2002) *Estatísticas de Turismo*. Lisboa, Instituto Nacional de Estatística

I.N.E. (2003) *Anuário Estatístico Região Centro*, Instituto Nacional de Estatística

Jacinto, Paulo e Ribeiro, Manuela (2001) *O Turismo Activo como Oportunidade para o Desenvolvimento de Iniciativas Empresariais em Zonas Rurais: uma Análise Exploratória a partir da região do Douro*, 1º Congresso de Estudos Rurais Ambiente e Usos do Território, 16 a 18 Setembro, 2001, UTAD, Vila Real ([http://home.utad.pt/~des/acervo\\_des/2001ribmanmturact22.pdf](http://home.utad.pt/~des/acervo_des/2001ribmanmturact22.pdf))

Kozak, Metin (2003) “Measuring Comparative Destination Performance: A Study in Spain

and Turkey”, *Journal of Travel & Tourism Marketing*, Volume 13, Howarth Press, pp:83-110

Neoturis-Consultoria em Turismo (2005) *Análise de Benchmarking Madeira, Canárias e Mercados Concorrentes relativamente às brochuras dos operadores turísticos*. (<http://www.madeiratourism.org/pls/wsm/docs/F7009/Microsoft%20PowerPoint%20-%20Resumo%20Analise%20de%20Benchmarking.pdf>)

Ritchie, J.R.Brent e Geoffrey I. Crouch (2003) *The Competitive Destination. A sustainable tourism perspective*. U.K., CabiPublishing.